

## Pt. 6 - O Jogo da Esquerda/Direita [RASCUNHO 1] 12/02/2017

O silêncio costumava ser absoluto.

Isso é algo que definitivamente sinto falta.

De volta ao mundo real, seria evidente que um grupo de pessoas que não diz absolutamente nada, por definição, não poderia estar dizendo menos. Talvez as coisas sejam diferentes na estrada, talvez eu nunca tenha encontrado isso antes, mas agora está claro para mim que há graus além do silêncio. Um reino generalizado de silêncio ensurdecedor que, após a perda de Eva e Apollo, o nosso grupo abraçou sem reservas. Construído a partir do nosso trauma coletivo, cimentado com uma mistura cruel de tristeza, culpa e dúvidas angustiantes, rapidamente se tornou aparente que este silêncio é mais forte do que todos nós. O desafio de quebrá-lo permanece pelo resto da jornada.

Passamos as próximas horas escavando um corredor de milho indefinido. As hastes erguem-se muito acima do Wrangler, deixando apenas uma fina faixa de céu claro visível como o teto pintado de uma igreja renascentista. Eu me pego olhando intermitentemente para o rádio, meio esperando, meio torcendo, para que a voz de Apollo estale no alto-falante, trazendo palavras de conforto ou uma tentativa muito necessária de leviandade.

Depois de me pegar olhando para o rádio pela quinta vez, decido que talvez seja melhor continuar com meu trabalho. Eu conecto meus fones de ouvido no meu notebook, abro os arquivos de áudio que gravei até agora e começo a criar um corte bem básico do nosso primeiro dia na estrada.

APOLLO: Todo mundo conhece Rob, Rob é um deus! Hahaha.

Ouçõ a primeira entrevista de Apollo, fazendo anotações para o parágrafo final que agora serei forçada a escrever sobre ele. Quando tenho tudo que preciso, ouço a entrevista novamente. Não me passou despercebido que só quero ouvir a sua voz, perder-me num agradável eco digital, longe dos gritos frenéticos que o seguiram até o asfalto.

Ouçõ a entrevista de Eva a seguir. Ela fica entusiasmada ao falar sobre sua próxima visita a Roswell, tentando firmemente me recrutar para o esforço. Ela não tinha ideia do que estava acontecendo quando pisou no gramado da frente de Rob. Então, novamente, nenhum de nós sabia o que iria acontecer.

A fina faixa de céu está ficando laranja quando chego ao nosso encontro com o caroneiro. É arrepiante ouvir a voz dele depois de tudo o que aconteceu, visitar as gentilezas veladas e coniventes que ele empregou contra nós. Estremeço ao ouvir a mão de Rob agarrar meu braço, envergonhada por ter me deixado cair na trapaça do caroneiro.

ROB: Você fez bem, sinto muito por apertar seu braço. Eu só não queria que você fizesse algo de que se arrependesse.

AS: Não, está tudo bem. Você sabe o que acontece se você falar com ele?

Rob: Não tenho certeza. Cheguei perto uma vez, alguns anos atrás. A maneira como ele olha para você quando pensa que está na dele? Acho que não quero saber.

AS: Rob, eu-

Pauso o arquivo de áudio, voltando dez segundos antes de pressionar o play novamente.

AS: Não, está tudo bem. Você sabe o que acontece se você falar com ele?

Rob: Não tenho certeza. Cheguei perto uma vez, alguns anos atrás. A maneira como ele olha para você quando pensa que está-

Certamente não percebi isso na época. Fiquei tão abalada com o encontro com o caroneiro, e tão curiosa sobre o carro abandonado que fiquei completamente cega para qualquer outra coisa que aparecesse em meu caminho. Talvez Rob tenha falado errado, talvez ele quisesse dizer semanas ou meses. Mas se não foi um erro, se foi uma verdade proferida descuidadamente, então Rob tem algumas explicações a dar.

O Jogo da Esquerda/Direita foi publicado online em junho de 2016, há menos de um ano.

Olho de soslaio para ele, uma parede de milho passa por nós enquanto nos aproximamos da parada de descanso. Ao longo desta viagem, cada emoção demonstrada por Rob pareceu genuína. A tristeza, a raiva, a preocupação. Todos esses sentimentos contam a história de um homem que se preocupa profundamente com o bem-estar das pessoas ao seu redor. Mas, ao mesmo tempo, é surpreendentemente claro que há algo que ele não está me contando.

A cada nova peça do quebra-cabeça, o carro, a mensagem de texto, a criatura sem rosto com o telefone tocando, fico com o dilema de quando confrontar Rob Guthard com o que sei. Sinto que reuni o suficiente para apresentar a ele, o suficiente para exigir uma explicação, mas não há como verificar sua resposta. Tenho uma coleção de ideias estranhas e desconcertantes, sem o fio condutor que poderia me levar a qualquer conclusão viável. Se vou confrontar Rob, preciso guiar a conversa. Tal como os maiores jornalistas do nosso tempo, eu deveria saber a resposta antes de fazer a pergunta.

O jipe para em um grande espaço verde. Olhando para frente, fico intrigada com a maneira como o chão parece parar, como se o horizonte estivesse a apenas vinte metros do carro. Assim que o motor desliga, desafivelo o cinto de segurança, desço e caminho em direção à beira gramada. O resto do comboio para atrás de mim.

Paro alguns passos antes da borda, percebendo que encontramos o caminho para o topo de um penhasco íngreme. Uma vertigem repentina toma conta, forçando-me a dar alguns passos para trás. Não parece que estamos subindo a colina, a estrada está plana desde Jubilation, mas de alguma forma estou parada na beira de uma rocha de 120 metros, com a terra distante envolta por talos de milho.

Essa é a coisa verdadeiramente estranha sobre este precipício monolítico. De cada lado de mim, o milho corre até à beira do penhasco e, na sua base, a colheita interminável continua até se estender para além do horizonte escuro em todas as direções. Parece que estou nas falésias de Dover, olhando para um oceano dourado, com ondas governadas pela brisa noturna. Eu me pergunto por um momento onde isso termina, então, levando em consideração o mundo que agora ocupo, começo a me perguntar se isso algum dia termina.

Um grito beligerante me arranca da vista. A fonte do barulho é bloqueada pelo Wrangler e a primeira coisa que vejo enquanto dou a volta são os rostos chocados e de olhos arregalados de Bonnie e Clyde. Assim que passo pelo capô do Wrangler, minha expressão imita a deles.

Lilith prendeu Bluejay na lateral do jipe, um antebraço travado pressionando seu peito contra a porta. Seu outro braço foi agarrado pelas mãos de Bluejay, parado desesperadamente antes que pudesse acertá-la no rosto. As duas gritam com os dentes cerrados enquanto Lilith luta furiosamente contra ela, competindo para causar-lhe qualquer dano imaginável.

BLUEJAY: Sai de cima de mim, sua vadia! Sai!

Dou alguns passos rápidos até Lilith enquanto Bluejay tenta chutá-la para longe.

AS: Lilith, não podemos fazer isso... Jen...

Lilith nem sequer registra minha presença enquanto continua seu ataque, ensurdecida pelo vitríolo borbulhante em cada respiração rosnada.

AS: Jen! Não façã isso agora. Não após-

Antes que eu possa compreender o que está acontecendo, estou olhando para o céu, minha cabeça jogada para trás pela força do cotovelo de Lilith. Uma dor quente e crua irradia pelo meu lábio inferior enquanto cambaleio para trás, levantando a mão sobre a boca.

Antes que Lilith possa continuar seu ataque, Rob abre a porta e dá dois passos curtos até ela. Ele coloca um braço em volta da cintura da garota e a pega, carregando-a com segurança, mas com firmeza, até o Ford de Bonnie e Clyde, e plantando-a de volta no chão.

Parece que sempre esqueço o quão forte ele é.

ROB: Droga, esta não é a hora.

LILITH: Retire isso!

Bluejay perdeu seu comportamento sarcástico habitual, mas sua aura ainda irradia um desprezo desenfreado. Em resposta à exigência de Lilith, Bluejay volta para o carro e senta-se no capô. Ela tira o Marlboro do bolso junto com o isqueiro e acende um cigarro. Imagino que as brasas sejam a única companhia que ela se sente confortável em aceitar neste momento.

No momento em que olho para o resto do grupo, Lilith já saiu furiosa.

AS: O que ela disse?

BONNIE: Eu não ouvi tudo.

AS: O que ela disse, Bonnie?

BONNIE: Eu ouvi algo sobre... Ela disse que Lilith era... Que éramos cúmplices.

ROB: Ah, droga... Bristol, você pode...

Observo Lilith sentada na grama e olhando para o penhasco. Ela começa a chorar, mas tenho a forte noção de que não é algo que devo interromper. Parece algo entre ela e Eva, um ato final de luto reacionário reservado para elas, e somente para elas.

AS: Sim... Não se preocupe. Eu cuido disso.

ROB: Ok. Vou preparar alguma coisa para nós.

Uma hora se passa. Lilith fica lentamente mais calma, passando da liberação catártica para uma melancolia fria e sem palavras. Terminando meu jantar, vou até ela.

AS: É uma visão estranha.

Lilith olha para mim.

LILITH: Eu machuquei você... Sinto muito.

AS: Está tudo bem. Você deveria ver a outra garota.

LILITH: Haha, sim, aposto que ela está uma merda agora.

Eu me deito no chão, olhando ao lado de Lilith para o oceano abaixo.

LILITH: Bluejay acha que sou cúmplice do que aconteceu com Eva.

AS: Eu ouvi.

LILITH: Ela costumava pensar que éramos idiotas, agora ela pensa que estamos todos envolvidos nisso... Não faz sentido.

AS: Acho que ela precisa acreditar que esse lugar é uma mentira. Ela precisa que isso faça sentido, e quanto mais difícil fica para ela racionalizar, mais ela... De qualquer forma, ela não deveria ter dito o que disse. Ela está apenas... Acho que a palavra é "problemática".

LILITH: Ela é uma maldita inconveniente.

COMO: Hum... Uh... Ok.

LILITH: Mas ela está certa... Eu a matei... E matei Apollo também.

Olho para Lilith, preocupada, sem ter certeza do que ela quer dizer. Seus olhos permanecem fixos no horizonte impossível.

LILITH: Sarah... Ela não foi feita para isso, e ela sabia disso. Ela queria que voltássemos esta manhã... Mas eu não queria.

AS: Essa não foi uma decisão apenas sua, Lilith.

LILITH: Sim, foi. Ela, uh... Ela seguiu meu exemplo. Sempre. E eu sabia porque ela estava fazendo isso. Eu sabia. Mas deixei continuar, porque era conveniente, porque era fácil.... Porque no fundo eu gostava de ter alguém por perto que... Que pulasse a porra de obstáculos por mim... Meu Deus.

Lilith apoia a cabeça nas mãos.

LILITH: Ela era fraca. Ela estava ansiosa e... Mas tudo bem, certo? Você pode ser fraco, isso é... Mas eu a fiz vir aqui. Arrastei alguém que não sabia nadar até o fundo do poço. E a última coisa que fiz foi mentir para ela e ela sabia disso.

Lilith respira fundo algumas vezes.

AS: O que você quer dizer?

LILITH: Eu não sou, uh... Eu não, eu... Eu a amava, você sabe, como... Como amiga. Sempre foi essa maldita rua de mão única e... Acho que ela não se importou. Então, de repente, ela está desaparecendo bem na minha frente e disse o que disse... Quero dizer, de que outra forma eu deveria responder a isso? Eu tive que dizer isso de volta, certo?

Lilith mantém a compostura enquanto um fluxo constante de lágrimas escorre por seu rosto.

AS: Não sei o que faria nessa situação.

LILITH: Eu pude ver nos olhos dela que ela não acreditou em mim. Porra... Eu me pergunto quantas pessoas morreram enquanto ouviam mentiras reconfortantes. Quantos deles sabiam?

AS: Acho que você fez o melhor que pôde, Jen. Acho que você se saiu melhor que a maioria.

LILITH: Você não precisa me dizer isso, só... Você está cansado? Você precisa ir para a cama logo?

AS: Não, não preciso.

LILITH: Tem algumas cervejas na bolsa do Apollo. Isso é como... Roubo? Ou está tudo bem?

AS: Acho que ele gostaria que ficássemos com elas, desde que fizéssemos um brinde.

Lilith ri brevemente e finalmente abre um sorriso. Ela caminha até o carro de Bonnie e Clyde, retornando um momento depois com um pacote de quatro cervejas.

Passamos a próxima uma hora e meia bebendo lentamente. Lilith não consegue reunir as palavras certas para um brinde, então apenas agradecemos a Apollo, erguendo as latas ao ar livre. Falamos sobre seu humor incansável, suas tentativas de nos manter acordados durante nossa primeira noite na estrada, como ele falava carinhosamente com todos, mesmo à beira da morte.

Falamos também sobre Eva, sobre as desventuras da dupla, as estranhas festas universitárias e o futuro do Paranormicon. Lilith sorri e me diz que sempre haverá um lugar para mim quando a aventura acabar.

Depois de tudo o que aconteceu na estrada, a noite não pode deixar de parecer agridoce. Mas pela primeira vez, em um penhasco solitário no meio do nada, é mais doce do que amargo. Isso pode não ser muito, mas no final de um dia terrível é mais do que qualquer um de nós poderia esperar.

---

A manhã seguinte passa rapidamente. É incrível como um grupo de pessoas pode ser eficiente quando nenhuma delas tem vontade de conversar. Não só isso, mas o café da manhã tornou-se visivelmente breve. Consigo consumir meio saco de mistura para trilhas antes de me sentir desconfortavelmente cheia. As palavras de Rob sobre as propriedades de sustentação

da estrada ressoam em meus ouvidos enquanto olho ao redor do grupo. Todos deixam suas tigelas meio vazias. Lilith não comeu nada.

A essa altura, o protocolo de partida já foi detalhado para nós. Apesar de nossas preocupações e das divergências turbulentas que se desenvolvem entre nós, os carros se alinham como um relógio enquanto entram na estrada. Na verdade, o clima do grupo parece estranhamente robótico. Todo contato por rádio começa com a indicação de um codinome, seguido do indicativo do destinatário. Os carros mantêm uma distância uniforme e cuidadosa entre si. Vimos muito claramente o que acontece quando as regras são negligenciadas e ninguém quer correr mais riscos.

AS: A que distância estamos?

ROB: De onde?

AS: Você não chegou ao fim dessa estrada, certo? Quero dizer... Você ainda está mapeando isso?

ROB: Isso mesmo.

AS: Bem, quanto tempo até chegarmos a... Você sabe... Território desconhecido?

ROB: Para ser honesto, não muito tempo.

AS: O que vai acontecer quando chegarmos a esse ponto?

ROB: Vamos continuar dirigindo.

AS: Até chegarmos ao fim?

ROB: Esse é o plano. Você sabe que não vou julgá-lo se você quiser voltar. Tenho certeza que você pode convencer alguém a voltar também.

AS: Posso convencer você a fazer isso?

Rob sorri.

ROB: Receio que não há como. Esta viagem não é como as outras. A estrada está nos recuperando como nunca antes. Acho que ela sabe que desta vez vou até o fim.

AS: Que lugar é esse, Rob?

Rob suspira enquanto lentamente vira na próxima curva à esquerda em um entroncamento tranquilo e rural.

O rádio estala antes que Rob possa responder.

BONNIE: Rob, você pegou o caminho errado.

Um tambor instantâneo de pânico fresco martela em meu peito. Eu olho para Rob e ele olha de volta. Eu sei que ele está sentindo a mesma coisa que eu, embora ele esteja fazendo um trabalho muito melhor em manter isso longe de seu rosto.

Ele pensa cuidadosamente por um momento.

ROB: Não... Não. Já passei por esse caminho antes. Viramos à direita da última vez.

AS: Uhhh... Sim. Sim. A curva anterior a esta foi para a direita, eu me lembro.

ROB: Ferryman para todos os carros. Obrigado, Bonnie, por nos dar o maior susto de nossas vidas. Estamos no caminho certo... Estamos no caminho certo.

BONNIE: Não, não, não pode ser... Isso está errado... Martin diga a eles...

CLYDE: Erro nosso, Rob, vamos continuar.

LILITH: Bristol...

Há preocupação na voz de Lilith. Inclino-me para o retrovisor, tentando avaliar a atmosfera no carro atrás de mim. Há claramente alguma comoção entre Bonnie e Clyde, com este último tentando remover delicadamente o walkie-talkie das mãos de sua irmã.

Porém, há algo mais. Uma placa de trânsito antiga e dilapidada, feita de madeira envelhecida, fica ao lado da estrada atrás de nós. Não consigo ler tudo porque as letras descascadas ficam cada vez menores, mas consigo juntar as peças do que provavelmente disse uma vez.

“Wintery Bay – 5 milhas”

BONNIE: Vamos dar meia-volta, certo?

AS: Uhh, um segundo Bonnie, vou... Verificar o mapa.

Imediatamente desligo o rádio.

AS: Não vamos passar por Wintery Bay?

Rob se vira para mim, com uma expressão confusa nos olhos.



ROB: Por onde?

Após essas duas palavras inocentemente questionadoras, minha mente volta à manhã do nosso terceiro dia na estrada. Observar Bonnie e Clyde caminhando até Rob para confessar suas transgressões com o caroneiro, a conversa tranquila que ocorreu entre eles, a resposta aparentemente reconfortante de Rob. Eu me senti péssima naqueles momentos. Alguns minutos antes eu havia enganado Clyde... Mas nunca pensei que ele pudesse ter feito o mesmo comigo.

AS: É seguro encostar?

ROB: O quê? Por que?

AS: É seguro, Rob?

ROB: Uh, sim, deveria ser.

AS: Então encoste.

Ligo o rádio novamente e pego o receptor. Ao fazer uma conexão com o carro de Bonnie e Clyde, fica claro que uma discussão está se formando. Lilith está perguntando por mim, uma passageira indefesa, presa no meio de algo que ela não entende.

AS: Bristol para todos os carros. Pararemos à frente.

Rob parece perfeitamente consciente de que não estou brincando. Assim que paramos, abro a porta e pulo para a beira da estrada empoeirada, caminhando até o resto do comboio que está começando a sair de seus carros. Estou consciente de uma raiva intensa por trás de cada passo que dou.

AS: Você não contou a ele.

CLYDE: Bristol, eu...

ROB: O que está acontecendo, Bristol?

Rob marcha atrás de mim, mais do que um pouco inquieto para entender meus motivos.

AS: Clyde?

Clyde olha em volta para um círculo de olhos ansiosos. Quando ele dá sua resposta, não consegue encarar nenhum deles.

CLYDE: Bonnie... Bonnie conversou com o caroneiro.

A expressão de Rob muda, sua confusão se transforma em uma compreensão solene.

ROB: Deus... Ahh, droga. Você sabia, Bristol?

AS: Eu disse a eles para te contarem na manhã do terceiro dia. Eu os vi ir até você e... Pensei que tivessem contado.

CLYDE: Bonnie... Pensei que você iria... Nos fazer voltar.

ROB: Bem, ela estava certa. Você viu o que acontece quando as regras são quebradas. Você deveria ter me contado assim que me viu e voltado para casa.

CLYDE: Isso foi antes de Ace... Antes de tudo. Eu não sabia que esse lugar era-

ROB: Regras são regras, Clyde! Há algo de errado com Bonnie? Você disse que ela ficou confusa... Isso era mentira?

Clyde não responde, evitando o olhar de Rob. Enquanto processo o que Rob acabou de falar, devo dizer que estou surpresa com a desonestidade dos dois irmãos.

Quando pensei que eles estavam contando a Rob sobre o caroneiro, parece que eles disseram a ele que Bonnie estava, até certo ponto, senil. Era uma mentira simples, mas que explicaria adequadamente seu comportamento estranho, atrairia a simpatia de Rob e, de maneira mais engenhosa, impediria que ele me contasse sobre a conversa deles. Uma verdade enterrada sob uma mentira desagradável, cujo assunto é desconfortável o suficiente para impedir qualquer possibilidade de discussão.

Ainda assim, deixa um gosto ruim na minha boca.

CLYDE: Podemos ir para casa se você quiser.

BONNIE: Não.

O grupo se volta para Bonnie. Ela fala em um tom mais decisivo do que pensei que fosse capaz.

BONNIE: Ele... O caroneiro... Ele estava falando sobre... Sobre a vila pela qual acabamos de passar. Eu estava ansiosa para ver, só isso. Estou bem, realmente.

AS: Você tem falado muito sobre isso, Bonnie.

BONNIE: Parecia um lugar adorável, fiquei triste por termos passado sem visitar. Sinto muito por preocupar a todos. Por favor, não nos faça voltar, Rob.

Rob olha para os dois. Sua posição foi deixada bem clara.

ROB: Vamos parar um pouco mais cedo hoje. Lilith, venha o resto do caminho conosco, descanse... E amanhã vocês dois vão para casa. Vocês deveriam se considerar sortudos por terem a chance de voltar.

Rob marcha de volta para o Wrangler, sinalizando que a discussão acabou.

Lilith nem mesmo tenta esconder seu alívio enquanto se afasta de Bonnie e Clyde e sobe na parte de trás do jipe. É um pouco comovente que Rob ainda tenha consciência de cuidar dela, por mais zangado que esteja.

Além de sua força surpreendente, também tendo a esquecer o quão perspicaz ele pode ser.

Bonnie, Clyde e Bluejay voltam para seus respectivos veículos. Chamo a atenção de Bonnie um momento antes de ela retornar ao Ford. Ela parece realmente desapontada, mas por outro lado, resignou-se a continuar, satisfeita em deixar Wintery Bay desaparecer na distância. É reconfortante saber que ela está pronta para deixar esse lugar para trás.

É uma pena que eu não acredite em uma só palavra disso.

---

LILITH: Isso foi muito estranho, Bristol.

Lilith parece feliz por estar no Wrangler, aproveitando a sensação de segurança que o gigante modificado oferece, e também muito aliviada por estar longe de Bonnie e Clyde. Ela passou os últimos cinco minutos detalhando a discussão de trinta segundos que se desenrolou entre eles, mapeando suas nuances perturbadoras, bem como sua conclusão assustadora.

LILITH: Mas eu juro que ela estava basicamente chorando tipo... Ela não entendia como poderíamos estar indo na direção errada. Mas então, assim que você nos parou, ela simplesmente parou. Como eu posso dizer? Ela só parou.

AS: Isso deve ter sido desconcertante.

LILITH: Você não tem ideia... Então, Rob, quando é que esses campos de milho vão acabar?

ROB: Em breve. Vamos descansar durante a noite em alguns turnos e não demorará muito até que estejamos numa trilha pela floresta.

LILITH: A porra da floresta? Você está brincando? Estamos falando de... Árvores sangrando em Sleepy Hollow ou o quê?

ROB: Haha, gostaria de poder te contar.

LILITH: Espere, o que você quer dizer?

ROB: Ainda não cheguei tão longe. É um novo território.

LILITH: Ah... Ótimo! Talvez os campos de milho não sejam tão ruins assim...

Lilith fica quieta, paralisada por algo no espelho retrovisor, antes de se virar rapidamente para ver melhor pela janela traseira.

O carro atrás de nós está fora de controle.

Bonnie está lutando para arrancar as mãos de seu irmão do volante. O Ford desvia erraticamente atrás de nós, enlouquecido pela dinâmica luta de poder que ocorre dentro dele. Rob acelera bruscamente para sair do caminho enquanto o carro atrás dá uma guinada bêbada para frente e para trás antes de derrapar e parar bruscamente. Rob pisa no freio com força e, quando me viro em sua direção, ele já bateu a porta do Wrangler, atravessando a pista em direção a Bonnie e Clyde.

ROB: Desligue o motor!

O motor do Ford silencia e, na ausência do seu ronco estrondoso, surgem novos sons. Os sons de uma luta e de gritos selvagens e desesperados.

Saindo do carro pela segunda vez hoje, pulo para a estrada e cubro a distância entre nós.

Rob está tentando tirar Bonnie do carro. Mesmo com sua força impressionante, parece ser um desafio. Bonnie agarra as paredes, tentando com todas as suas forças recuperar o controle do volante.

BONNIE: Por favor! POR FAVOR! Me deixa ir! Me deixa ir!

Rob tira Bonnie do carro e tenta subjugar-la em meio a uma agitação de mãos e cotovelos. Ela se contorce e chuta enquanto ele prende seus braços ao lado do corpo.

AS: Bonnie! Bonnie. Calma, ok? Vamos conversar sobre isso.

BONNIE: Ele me disse que estávamos no caminho! Ele disse que passaríamos por lá!

ROB: Ele mentiu, Bonnie.

BONNIE: Não... Não! Estamos indo na direção errada. Estamos indo na direção errada!

Bonnie ataca novamente, atingindo as pernas de Rob com as suas. Rob a segura com firmeza, com os dentes cerrados a cada impacto.

É claro que Bonnie não vai desistir. Corro de volta para o Wrangler e abro o porta-malas. Depois de alguns momentos vasculhando minha bolsa, encontro o kit de primeiros socorros e retiro um pacote fechado de braçadeiras brancas.

AS: Clyde, abra a porta dos fundos.

Rob me vê de pé com as braçadeiras. Mesmo no meio da luta incessante de Bonnie, ele olha para mim com um ar quase questionador, como se estivesse se perguntando como chegamos a esse ponto. Como se ele estivesse perguntando se podemos realmente fazer o que estou sugerindo sem palavras.

Bonnie responde a última pergunta para ele. Nos poucos segundos de distração, ela bate a cabeça no nariz dele, provocando um baque repugnantemente alto e um rosnado de dor de Rob. Atordoado, confuso e com nariz jorrando sangue, Rob consegue manter os braços em volta dela, mas está claro que isso não será sustentável e que ela não está nem perto de se acalmar.

Clyde abriu a porta, recuando e olhando como uma criança assustada enquanto carregamos Bonnie para o banco de trás do Ford. Eu me inclino diante dele, ajustando o encosto de cabeça até que ele fique pressionado contra o teto, garantindo que não possa ser removido do suporte. Em seguida, coloco um zíper em volta de cada suporte e os prendo.

BLUEJAY: Que porra está acontecendo?

Bluejay saiu do carro e veio em nossa direção. Percebo que, para alguém que luta para não acreditar em nada disso, a cena a seguir pareceria, na melhor das hipóteses, uma farsa melodramática e, na pior, uma tentativa de detenção de uma mulher inocente e angustiada.

Infelizmente, não tenho tempo para responder às perguntas dela. Entro no carro. Bonnie trabalha constantemente contra nós enquanto Rob a coloca atrás de mim, com a mão na cabeça dela para evitar que ela bata no topo do batente da porta.

Assim que ela entra, coloco um segundo zíper em volta daquele que já preendi no suporte direito, forçando a mão direita dela a entrar nele. Puxo a aba de plástico sobre a manga do suéter.

Espero que não esteja muito apertado, mas que pelo menos seja seguro o suficiente para mantê-la no lugar. Bonnie continua a puxar as amarras, mas está claro que sua força foi minada por causa de sua batalha vigorosa com Rob.

Não conseguindo olhá-la nos olhos, empurro uma pilha de bagagem para fora do caminho e saio pelo outro lado do Ford. Rob e eu estamos recuperando o fôlego, o primeiro apertando o nariz e nos ajustando estoicamente à nova dor.

BLUEJAY: Ei, que porra... Você não vai deixá-la assim, vai?

COMO: Volte para o seu carro, Bluejay.

Volto para o Wrangler, ignorando os protestos grosseiros de Denise. Rob enfia a mão no porta-malas ainda aberto do jipe e tira uma pilha de cobertores e travesseiros. Pelo espelho retrovisor, posso vê-lo colocando-os no colo de Bonnie, dando-lhe um lugar para descansar os cotovelos.

Ela encosta a testa na parte de trás do encosto de cabeça. Mesmo com o rosto bloqueado, posso dizer que ela está chorando.

Chegamos à parada cerca de vinte minutos depois, com o vago contorno de uma floresta verde-escura florescendo no horizonte. É mais cedo do que normalmente paráramos. Rob nos diz que deseja o dia inteiro para mapear a floresta, bem como um bom momento para voltar antes do anoitecer, caso seja necessário. Não estou reclamando, estou feliz pela oportunidade de descansar após os acontecimentos de hoje.

Durante o resto do dia, nos revezamos para ficar de olho em Bonnie, garantindo que ela tenha tudo o que precisa. Quando o Ford parou ao nosso lado, Lilith, Rob e eu esperávamos ver um destroço trêmulo, puxando incessantemente suas amarras. Ficamos todos surpresos e um pouco perturbados ao encontrá-la sorrindo. O sol já está mergulhando no céu. Rob preparou uma pequena panela de sopa de missô, caso alguém consiga comer. Terminei minha tigela, muito consciente de como cada refeição agora parece desnecessária, e sirvo uma porção para Bonnie.

Acho-a de bom humor.

BONNIE: Como você está, Alice?

AS: Estou bem. Como você está, Linda?

BONNIE: Estou bem. Desculpe por dar tanto susto a todos vocês antes. Eu me sinto mal.

AS: Está tudo bem, honestamente. Sinto muito por... Por tudo isso.

Aponto para as braçadeiras amarradas com zíper. Rob os reaplicou, prendendo bandagens por baixo das tiras para proporcionar a Bonnie um mínimo de conforto. Ainda assim, a cena soa com uma barbárie sinistra que nenhuma consideração gentil pode compensar.

BONNIE: Está tudo bem. Eu não era eu mesma.

AS: Eu trouxe sopa para você, mas eu sei que você pode não estar com fome.

BONNIE: Não, não, eu adoraria, obrigada. Todo mundo está sendo tão adorável.

AS: Bem, só queremos ter certeza de que você está bem.

Mergulho a colher, molho um pouco de caldo quente e começo a levantá-la na direção dela.

BONNIE: Ah, não, você não precisa... Eu posso me alimentar sozinha...

Ela aponta para as mãos amarradas, a implicação clara pairando no ar.

AS: Não, eu... Não me importo. Eu acho que é-

Bonnie joga seu peso para o lado, o cotovelo apontando para fora e tirando a tigela das minhas mãos. A sopa derrama sobre meu casaco de lã, um pouco mais fria do que quente, e penetra imediatamente no tecido. Eu me afasto instintivamente e vejo a expressão de Bonnie piscar como uma lâmpada defeituosa, da tranquilidade gentil ao desprezo total e ardente. Desapareceu tão rápido quanto apareceu, bem a tempo do resto do grupo olhar em nossa direção.

BLUEJAY: O que você está fazendo com ela?!

Bluejay irrompe em frente ao carro, puxando furiosamente um Marlboro e forçando a fumaça draconicamente de volta ao ar.

AS: Nada. Apenas um acidente.

BONNIE: Está tudo bem, Bluejay, foi erro meu.

BLUEJAY: Ela machucou você?

Bluejay se inclina e coloca a mão confortavelmente na de Bonnie, antes de se virar para me encarar com um olhar assassino. É quase impressionante como, mesmo cuidando de alguém, Bluejay ainda consegue ser simultaneamente venenosa para as pessoas ao seu redor.

BONNIE: Não, não, tudo bem, foi minha culpa. Está bem. Sinto muito por causar problemas.

Bluejay ri do pedido de desculpas submisso de Bonnie, incapaz de acreditar no que ela está pensando. Seus olhos permanecem fixos em mim.

BLUEJAY: Você é uma maldita covarde. Veja o que ele está obrigando você a fazer.

Meus olhos seguem para onde ela gesticula. Tenho que admitir que a figura indefesa de Bonnie, contida no banco de trás do Ford, soa com uma desumanidade inata, e ser forçada a encarar minhas ações de frente me faz sentir totalmente macabra.

As escolhas que fiz devem parecer insanas para Bluejay, mas isso não significa que as dela não sejam. Apesar das suas pretensões de racionalidade, não posso deixar de sentir que as ações de Bluejay são simplesmente governadas por uma insanidade diferente. Uma insanidade nascida da necessidade desesperada de explicar o inexplicável, que se transformou num feio coquetel de paranóia, auto-grandeza e antagonismo fervoroso.

Bluejay nota minha expressão silenciosa, provavelmente interpretando isso como uma vitória pessoal. Sem mais uma palavra, ela volta para o carro e se fecha lá dentro, apodrecendo silenciosamente e sozinha.

BONNIE: Você quer saber o que é maravilhoso, Alice?

Bonnie se inclina em minha direção, baixando a voz para que ninguém mais possa ouvir.

BONNIE: Ele me disse que há uma casa... Esperando por mim. Minha casa à beira-mar.

AS: Sinto muito, Bonnie. Eu não acho que exista.

BONNIE: Vai ser um lugar tão lindo. Um lugar tão bonito.

Bonnie me dá um largo sorriso.

BONNIE: Foi ótimo conhecer você, Alice.

Bonnie se afasta de mim, colocando a testa de volta no encosto de cabeça. O sorriso não desaparece quando me viro. Volto para o Wrangler, diante da escolha entre vestir roupas novas ou meu pijama térmico.

Depois de tirar o moletom e deitar por um momento, acabo dormindo com as roupas que estou vestindo.

---

Quando acordo, o Wrangler está em movimento.

O colchão de ar reverbera e meu corpo balança enquanto fazemos uma curva acentuada. Sento-me ereta, Lilith acordando ao meu lado, igualmente com os olhos turvos e confusos.



Rob está ao volante. A alavanca de câmbio treme enquanto ele nos transporta pela estrada em uma velocidade incrível.

AS: Rob, o que está acontecendo?

ROB: Bonnie se libertou. Ela está indo para a curva.

Eu me sento no banco do passageiro totalmente desperta.

LILITH: O quê? Como ela se libertou?

AS: Ela está com Clyde?

ROB: Ela bateu na cabeça dele e o arrastou para fora do carro.

Lilith e eu nos viramos. O carro de Bluejay está se aproximando de nós, um par distante de faróis altos inundando constantemente a janela traseira de luz.

LILITH: Por que Bluejay está ajudando ele?

AS: Ela provavelmente quer ficar de olho em nós. Rob, você acha que alcançaremos Bonnie?

ROB: Estou trabalhando nisso.

O Wrangler continua a disparar pela escuridão. Mantemos nossos olhos fixos à frente, examinando o limite do horizonte em busca de qualquer sinal do Ford de Bonnie.

Quando Bluejay para ao nosso lado, dou uma olhada na dupla. Bluejay exala uma determinação de aço, dedicada a alcançar Bonnie antes de nós. Clyde parece mortificado, abalado pelas ações de sua irmã, um pequeno machucado na cabeça para marcar sua traição cruel.

Rob pára quando chegamos ao cruzamento. Os faróis de Bluejay já estão iluminando a estrada para Wintery Bay, e o equipamento de iluminação de Rob cobre toda a área com um crepúsculo artificial. No meio de tudo isso, vemos Bonnie parada ao lado de seu carro, sorrindo.

Ela já está além do limiar da curva.

CLYDE: Linda! Linda, por favor... Volte agora, ok?

BONNIE: Todos vocês podem vir comigo. Há um lugar para todos nós. Ele me disse. Há um lugar para todos.

CLYDE: Por favor, Linda. Você tem que voltar.

Um estranho rastro de poeira preta sai da pele de Bonnie, subindo no ar e dançando na brisa. Depois de um momento, fica claro que as bordas de Bonnie estão se degradando lentamente, convertendo-se silenciosamente em cinzas escuras e flutuando na atmosfera.

BONNIE: Eu te amo muito, Martin. Você é sempre bem-vindo.

CLYDE: Não, por favor... Por favor.

Bonnie se vira e entra no carro. Sem olhar para trás, ela segue pela estrada em direção a Wintery Bay. O rastro de partículas pretas sobe do Ford à medida que ele avança, com volume cada vez maior à medida que o carro inteiro começa a definhir diante de nossos olhos. Menos de um minuto depois, o Ford, com Bonnie dentro dele, gradualmente se dissolve em pó e se espalha ao vento.

Clyde não fala. Todo o seu corpo está imóvel. Lilith imediatamente corre de volta para o Wrangler. Rob espera um pouco, olhando para a nuvem de poeira dançante, antes de colocar o braço em volta de Clyde e acompanhá-lo gentilmente até o jipe.

Ao me afastar da estrada para Wintery Bay, observo a reação de Bluejay. Ela parece absolutamente petrificada, mais do que nunca. Ela impulsivamente tira o maço de Marlboros do bolso e os segura nas mãos, antes de guardá-los rapidamente sem fumar.

A noite passa lentamente após retornarmos à parada de descanso. Todos nós estamos exaustos e mais do que dispostos a nos render ao escapismo do sono. Rob descansa no banco do motorista, cedendo seu espaço no colchão de ar para Clyde. Todos caem rapidamente em um sono tranquilo, deixando-me acordada apenas com meus pensamentos como companhia. Me pego pensando em Bluejay, em como ela poderia esperar racionalizar a desintegração de Bonnie e de seu carro.

Eu me pergunto como me sentiria se o Jogo da Esquerda/Direita fosse exposto como um truque de mágica sem igual. Eu me sentiria uma tola? Não, eu não penso assim. Impressionada, talvez. Aliviada? Definitivamente. Na verdade, quanto mais penso nisso, mais sinto falta dos dias inocentes em que acreditava que o jogo era uma farsa. Suponho que entendo por que Bluejay é tão inflexível em descartar este lugar; a malandragem, por mais elaborada que seja, é quase sempre uma alternativa preferível ao terror genuíno.

A porta do Jeep abre e fecha

Parte de mim tenta ignorar isso, lavar as mãos de quaisquer outros acontecimentos nesta noite angustiante. No entanto, exilada como estou do reino do sono, lentamente me sento, calço as botas silenciosamente e saio.

Saio para a noite fria, observando a figura diante de mim.

AS: Aonde você vai, Clyde?

Clyde se vira para mim, inicialmente interpreto o olhar que ele me dá como de resignação, mas a palavra não se encaixa bem. A resignação é uma derrota, o mundo exige sua obediência contra sua própria vontade. Mas o homem diante de mim está tão calmo quanto o ar noturno ao seu redor. Seus desejos são claramente seus. Não há derrota em seus olhos, mas algo completamente diferente... Paz, talvez.

CLYDE: Você sabe para onde estou indo, Alice.

Clyde fala suavemente, uma convicção silenciosa por trás de cada palavra que diz. Olho brevemente para o Wrangler, me perguntando se estou realmente equipada para lidar com isso sozinha.

CLYDE: Não chame Rob. Cometi um erro ao voltar para a parada de descanso. Eu não deveria ter feito... Por favor. Apenas me deixe ir.

AS: Clyde, espere até amanhã, ok? Ele vai entender. Ele vai nos fazer voltar e levar você para casa.

CLYDE: Não será mais casa.

O olhar gentil de Clyde me deixa em silêncio.

CLYDE: Linda já teve um marido. Ele era um bom homem. Morreu jovem. Ela nunca mais conseguiu encontrar o amor e eu... Nunca encontrei quem procurava. Estamos um ao lado do outro há sessenta anos. Sessenta anos. Tenho que ser honesto, mesmo depois de tudo que passamos, de tudo que você e eu vimos, nunca me senti como se estivesse em um mundo novo até agora.

AS: Acho que não posso deixar você fazer isso, Clyde.

CLYDE: Sinto muito, Alice, mas não depende de você.

Clyde respira o ar fresco da noite, exalando pelo nariz.

CLYDE: Eu gritei para ela voltar, quando ela fugiu para roubar aquela sorveteria. Continuei gritando e gritando. Gastei muita energia tentando fazer com que ela voltasse para mim. Depois de um tempo percebi que ela não voltaria... Que eu teria que segui-la. Eu deveria ter percebido isso antes. Isso é tudo que posso fazer... Seguir aonde ela vai.

Clyde olha para mim, quase se desculpando.

CLYDE: Adeus, Alice.

Ele se afasta do comboio e volta pela estrada.

AS: Clyde.

Ele se vira uma última vez.

AS: Você quer companhia?

Demora cerca de uma hora para voltarmos ao cruzamento. No tempo que temos, sou presenteada com a história de Bonnie e Clyde. Os fragmentos mais calorosos de sua vida juntos, os momentos que os construíram, as ondas que os abalaram e os lugares que um dia chamaram de lar. Acho que nunca vou concordar com o que Clyde está fazendo, mas quanto mais ele fala, mais eu entendo.

Suas histórias abrangem mais de meio século, apoiadas por um elenco transitório de conhecidos e amigos, mas no centro de cada conto está um par de irmãos que significaram muito um para o outro. O par existia como duas almas relativas, quantificáveis apenas em relação uma à outra. Na ausência de um, o remanescente era indefinível. Um ponto à deriva, não ancorado no espaço.

A história termina assim que chegamos à junção

AS: Espero que ela esteja por aí.

CLYDE: Eu também espero. Obrigado por vir comigo, sei que é tarde.

AS: Não... Nunca é uma hora ruim para se despedir de um amigo.

Clyde sorri para mim uma última vez antes de se virar para a estrada. Ele passa pela soleira, deixando para trás a velha placa de madeira. No silêncio da noite, não ouço nada além de seus passos suaves e a brisa tranquila, que depois de alguns minutos carrega o que resta dele para o céu aberto.

É uma longa caminhada de volta ao comboio. Minha mente está entorpecida de medo enquanto caminho pela escuridão, com o milho farfalhando ao vento ao meu lado.

Já se passaram quatro dias desde que cheguei à casa de Rob Guthard, sentei-me à sua mesa e ouvi-o falar sobre o novo mundo que descobriu. Nesse tempo, vi coisas que não posso compreender, visões que existem além do espectro da nossa realidade. Coisas que eu não teria considerado possíveis.

Pelo que sei, existe uma vila chamada Wintery Bay, e Bonnie já chegou em sua casa à beira-mar, parada na porta, esperando com tranquila confiança pela chegada de seu irmão.

Talvez eu nunca saiba. Mas espero que eles se encontrem, onde quer que estejam.